

A formação do professor de ukulele no Brasil: uma breve análise

Comunicação

João Daniel Cardoso da Costa
Universidade Federal do Espírito Santo
joaadanielprofessor@gmail.com

João Miguel Bellard Freire
Universidade Federal do Rio de Janeiro
joao.freire@musica.ufrj.br

Resumo: o presente artigo tem como objetivo apresentar e discutir os percursos formativos dos professores de ukulele no Brasil. Esses percursos foram descritos a partir dos conceitos de educação formal, não formal e informal. A autoaprendizagem foi abordada como parte dessa formação, já que o instrumento ainda tem pouca presença na formação superior em música. Constatamos que a maior parte da presença do ukulele no ensino superior de música se deu a partir de pesquisas que sistematizam as práticas dos próprios pesquisadores. Também observamos que os ambientes não formais e informais se destacam na formação desses professores. Consideramos que a universidade deveria estar mais conectada com as demandas da sociedade, incluindo o ukulele nos cursos de licenciatura. Também é importante reconhecer as três modalidades de educação - formal, não formal e informal - como igualmente significativas na formação do professor de ukulele.

Palavras-chave: ukulele; professor de ukulele; formação de professores.

Introdução

No Brasil, assim como em muitos países do mundo, tem havido uma proliferação recente da utilização do ukulele, naquilo que vem sendo descrito como “a terceira onda” de popularidade do instrumento, em nível mundial (TRANQUADA; KING, 2012, p. 160). O ukulele vem sendo empregado em diversas situações musicais, incluindo aquelas que envolvem ensino-aprendizagem do instrumento. No entanto, ainda não temos pouca inserção do instrumento na formação superior em música.

Este artigo, que é um recorte de uma pesquisa de doutorado¹ em andamento, tem como objetivo apresentar e discutir de que forma os professores do ukulele têm se formado,

¹ O foco central da pesquisa de doutorado não é a formação do professor de ukulele, mas sim os processos de ensino-aprendizagem do instrumento.

tomando como base os percursos formativos encontrados. A discussão será feita a partir da conceituação de três modalidades de educação (TRILLA, 2008) - formal, não formal e informal - descrevendo como se dá a presença do instrumento em cada uma delas. A discussão também será fundamentada nos conceitos de aprendizagem informal (GREEN, 2000) e de autoaprendizagem (GOHN, 2003), ampliando nossa análise.

Em termos metodológicos, este trabalho envolveu: (a) pesquisa bibliográfica, que incluiu a análise dos trabalhos acadêmico-científicos sobre o ukulele na educação musical; (b) pesquisa documental, que incluiu fontes como documentos audiovisuais, fotos, matérias de jornais etc., relacionados ao instrumento; (c) relatos de vivências do pesquisador doutorando como pesquisador, professor e partícipe do movimento ukulelístico no país.

Breve histórico do instrumento

O ukulele é um instrumento havaiano criado no final do século XIX, a partir dos instrumentos portugueses *machete* e *rajão*. De acordo com Tranquada e King (2012, p. 160), desde meados dos anos de 1990, e segundo Winston (2022, p. 3), a partir do século XXI, tem-se vivido o terceiro reavivar do instrumento no mundo, especialmente por meio da internet. De acordo com Tranquada e King (2012, p. 160), esse movimento ukulelístico atual ocorreu em vários países: Canadá, Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Holanda, Finlândia, Japão, Austrália, Nova Zelândia, Tailândia e Brasil.

No Brasil, em termos históricos, pode-se observar que o ukulele é bastante recente, embora haja registros do uso do instrumento em fonogramas nos anos de: (a) 1976, no disco *Vivo*, de Alceu Valença; (b) 2000, no disco *Sol da Liberdade*, de Daniela Mercury; (c) 2004, no disco *Adriana Partimpim*, de Adriana Calcanhotto; (d) 2006, nos discos *Infinito Particular* e *Universo ao meu redor*, de Marisa Monte (KFOURI, 2022) etc.

Segundo Costa (2017, p. 31), ainda que não seja possível afirmar com exatidão sobre a data de chegada do ukulele ao Brasil, a partir de 2009, ocorreram importantes acontecimentos que indicam o crescimento do ukulele no país como: a fabricação de instrumentos por *luthiers*; a criação de *sites* sobre o instrumento; *performances* de artistas em canais da internet; a criação de método para ukulele, em língua portuguesa²; a utilização do

² Considerando-se em língua portuguesa brasileira.

instrumento para o ensino-aprendizagem de música; encontro de ukulelistas; eventos dedicados ao instrumento; entre outros. Donato (2021, p. 1) situa a popularização do ukulele no Brasil na década de 2010, fato que o autor relaciona à difusão das plataformas virtuais e mídias sociais.

A formação do professor de ukulele no Brasil

Como mencionado, anteriormente, o uso do ukulele para o ensino de música é recente no Brasil e, conseqüentemente, também a formação dos professores que atuam nesta área. A seguir, serão discutidos alguns percursos formativos dos professores de ukulele.

Para ancorar as discussões sobre a formação do professor de ukulele, utilizaremos os conceitos de Trilla (2008) sobre educação formal, não formal e informal. Sucintamente, a educação formal refere-se àquela que ocorre no sistema educativo regrado de cada país, que abarca da pré-escola à universidade, que concede títulos acadêmicos aceitos, em termos legais. Possui caráter intencional, sistematização do ensino e hierarquização (TRILLA, 2008, p. 40). A educação não formal também possui intencionalidade e o intuito explícito de formação, mas não outorga títulos legais aceitos no sistema educacional regrado (TRILLA, 2008, p. 42). A educação informal pode ser compreendida como aquela que ocorre de maneira mesclada, difusa e sem contornos estabelecidos, subordinada a outros processos sociais, em meio a outras realidades culturais, de forma indiferenciada; “[...] quando não emerge como algo diferente e predominante no curso geral da ação [...]” (TRILLA, 2008, p. 37). De acordo com Trilla (2008, p. 36), qualquer processo educacional que não possui intencionalidade é informal, embora, mesmo que não haja sistematização, a educação informal também possa ser intencional.

Antes de apresentarmos os dados relativos a cada modalidade de educação, faz-se necessário discutir como se dá a aprendizagem musical em alguns contextos. Isso vai permitir estabelecer uma relação dessa discussão com os dados encontrados.

Tendo em vista a curta história do instrumento no Brasil e seu uso mais voltado para a música popular, ainda vemos pouca presença do ukulele na educação superior brasileira. Os instrumentos utilizados principalmente na música popular ainda recebem pouca ou nenhuma atenção nos cursos superiores de música. Com isso, músicos que tocam gêneros musicais

populares e instrumentos a eles associados acabam realizando sua formação instrumental em ambientes não formais e informais de educação, inclusive desenvolvendo a aprendizagem de maneira autodidata.

Green (2000) discute a aprendizagem dos músicos populares, caracterizando-a como informal. Em sua pesquisa com músicos populares, ela pode constatar diferenças na forma de aprender música, bem como na atitude e nos valores relacionados com a música.

Como principal recurso empregado pelos entrevistados, ela destacou a importância da escuta: “[...] no âmbito da aprendizagem musical informal, a audição é considerada de máxima importância, bastante mais do que na educação musical formal” (GREEN, 2000, p. 70). A escuta permitiu aos músicos estudados a enculturação em práticas musicais que faziam parte do seu repertório. Outras atividades importantes que a autora elencou foram: tirar músicas de ouvido, imitando gravações; tocar com os colegas, aprendendo com os pares.

Uma característica presente na formação do ukulelista no Brasil é a autoaprendizagem, especialmente, por meio da internet (NASCIMENTO, 2015, p. 37). De acordo com Donato (2021, p. 3), antes da pandemia “[...] o ensino do ukulele já era bastante difundido nos meios virtuais [...]”, na forma híbrida, misturando-se o ensino a distância e o presencial. Conforme Gohn (2003, p. 24), a autoaprendizagem pode ocorrer na *educação não formal* quando:

[...] há uma intencionalidade na ação do aprender, os indivíduos se colocam premeditadamente na posição de aprendizes e escolhem os meios pelos quais irão receber os conteúdos que desejam estudar. Organizam seus próprios “currículos” e usualmente preenchem suas necessidades, ou seja, adquirem seus materiais [...]

Após essas breves definições, podemos discutir a formação do professor de ukulele no Brasil. Primeiramente, é importante destacar que, praticamente, não há formação específica no instrumento nas instituições de ensino superior em música. Dessa forma, os professores que ensinam ukulele buscam essa formação em ambientes não formais de ensino, como cursos livres, aulas particulares etc.

Quando falamos do ambiente formal de educação, majoritariamente, estamos tratando não do ensino do instrumento, mas de sua presença em pesquisas. Essas investigações têm sido realizadas por músicos que tocam o instrumento, buscando sistematizar procedimentos de ensino. Ou seja, a formação, na modalidade formal, se dá a partir de trazer a prática de fora do ambiente acadêmico para dentro dele. Assim, constrói-se

conhecimento sobre o instrumento em dois momentos: (1) na formação inicial - nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) de graduação; e (2) na formação continuada - na pós-graduação (monografias, artigos, dissertações e teses). Complementando essa produção, temos artigos apresentados em congressos, que são recortes das pesquisas realizadas na graduação ou pós-graduação, ou são relatos de experiência.

Até a finalização desta comunicação, foram identificados 29 trabalhos sobre o ukulele no Brasil. Exceto 2 publicações, todos os outros 27³ tratam de processos de ensino-aprendizagem de música por meio do ukulele, nas seguintes modalidades de pesquisa: (a) 8 trabalhos de conclusão de graduação em música, sendo 7 monografias e 1 na forma de produto⁴; (b) 3 trabalhos de mestrado, sendo 2 dissertações de mestrado acadêmico e 1 trabalho de mestrado profissional, na forma de produto; (c) 2 trabalhos de pós-graduação *lato sensu*, sendo 1 monografia e 1 na forma de artigo⁵; (d) 14 trabalhos apresentados em eventos e/ou publicados em anais científicos.

Em termos legais, as pesquisas produzidas por estudantes de graduação em música fazem parte da *formação inicial* do professor de música, na área do ukulele. As pesquisas realizadas em nível de pós-graduação – sejam as *stricto* ou *lato sensu* –, bem como aquelas apresentadas/publicadas em eventos científicos envolvem a *formação continuada* do professor de ukulele. Há a exceção de 3 trabalhos elaborados conjuntamente por autores que eram graduandos (pesquisadores) e já graduados (orientadores). Todos os trabalhos acadêmicos podem ser considerados como formativos para seus respectivos autores⁶, uma vez que, em linhas gerais, envolveram o estudo de metodologias para o ensino-aprendizagem, elementos teóricos, técnicos, gêneros musicais, repertório etc., direcionados ao instrumento; e por requerem dos pesquisadores a reflexão, a crítica, a escrita, a síntese etc.

A despeito do que dissemos sobre a quase ausência do ukulele na formação superior de docentes ou de instrumentistas (nos cursos de bacharelado), existem esforços iniciais e pontuais no sentido de transformar essa realidade. Como exemplo, temos o professor e pesquisador Vinícius Vivas. Em suas aulas de música com o ukulele ministradas na educação

³ Alguns trabalhos são resumos ou recortes de uma mesma pesquisa, em andamento ou finalizada.

⁴ Na forma de curso de ukulele disponível (de forma paga) em ambiente virtual.

⁵ Não publicado em periódicos.

⁶ Alguns autores publicaram mais de um trabalho, sendo que algumas publicações foram elaboradas por mais de um autor.

básica, estagiários licenciandos em música coparticiparam das abordagens e, portanto, vivenciaram situações formativas (VIVAS, 2015).

De acordo com Trindade, Silva e Carvalho (2019, p. 87), o ukulele foi utilizado em algumas disciplinas ministradas no curso de licenciatura em música da Universidade Federal do Maranhão – UFMA e, portanto, estudantes da graduação receberam, de certo modo⁷, a formação em ukulele. Segundo as autoras naquela ocasião, havia a intenção de se criar a disciplina optativa Ukulele I⁸.

O professor e pesquisador João Daniel C. da Costa, um dos autores desta comunicação, ministrou a disciplina optativa denominada “Pedagogias musicais com o ukulele” para graduandos do curso de licenciatura em música na Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira” (FAMES), no 1º semestre de 2020⁹, bem como a disciplina optativa “Tópicos especiais em Música IV¹⁰” para licenciandos em música da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Ambas, dedicadas, exclusivamente, ao ensino-aprendizagem do ukulele.

O professor e pesquisador Leandro Donato também ministrou aulas de ukulele¹¹ em disciplina para graduandos em música¹² durante as suas atividades de estágio docente, no curso de mestrado profissional realizado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO (DONATO, 2021, p. 8-9).

Outro percurso formativo para professores de ukulele é observado no exercício da prática docente com o instrumento. De acordo com Nóvoa (1992, 2009), a formação do professor também é construída na profissão docente. Vivas (2015) e Costa (2017), desenvolveram abordagens pedagógico-musicais com o ukulele no ensino regular, de caráter formal e, portanto, essas ações podem ser consideradas como formativas para os dois professores, nestes casos, como formação continuada.

⁷ As autoras não mencionam detalhes sobre as disciplinas em que o ukulele foi utilizado.

⁸ Não tivemos notícia sobre a disciplina optativa de ukulele ter sido ou não ministrada.

⁹ A disciplina foi iniciada presencialmente, mas devido à pandemia da Covid-19, foi concluída em ambiente virtual.

¹⁰ Por questões legais do sistema acadêmico e do Projeto Político Pedagógico da instituição, não foi possível inserir a palavra ukulele ao nome da disciplina. No plano de ensino da disciplina constam os conteúdos programáticos e bibliografias referentes ao ukulele e ao ensino de música.

¹¹ As aulas foram ministradas em ambiente on-line, de forma síncrona e assíncrona.

¹² Apesar de não ser mencionado no artigo, a disciplina teve a participação de licenciandos em música da UNIRIO; informação confirmada em conversa por meio de aplicativo de mensagem com o professor Donato, realizada em 15 de julho de 2023.

Ampliando a concepção de Nóvoa, originalmente destinada ao contexto escolar regular, para outros contextos, visualizamos situações formativas para: (a) os professores de ukulele que ministraram as aulas no ensino superior de música, citadas anteriormente; (b) para os professores Vinícius Vivas e Leandro Donato, que ministraram o minicurso “Ukulele na sala de aula”, no IX Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical – ENECIM¹³; (c) para o professor João Daniel que ministrou o curso “Ukulele: abordagens pedagógico-musicais¹⁴”, no XXV Congresso Nacional da ABEM. Esses últimos, (b) e (c), realizados em formato remoto, respectivamente, em 2020 e 2021. Destaca-se também a dimensão formativa para os participantes desses cursos, uma vez que foram direcionados, especificamente, para professores de música.

Observam-se também situações formativas para os professores de ukulele que atuam em diferentes contextos de *educação não formal* – projetos de extensão, aulas particulares, projetos educacionais e sociais, citados¹⁵ em Costa (2013, 2015, 2016, 2017), Nascimento (2015), Ribeiro, Flores e Vivas (2015), Rodrigues (2017), Barbosa (2019), Trindade, Silva e Carvalho (2019), Silveira (2019) e em vários outros contextos identificados.

Apesar de haver pesquisas acadêmicas e, pontualmente, cursos de extensão e disciplinas na graduação relacionadas ao ukulele, concordamos com Barbosa (2019, p. 28) que o ukulele ainda não é um instrumento institucionalizado nas universidades e conservatórios brasileiros. De acordo com Silveira (2019, p. 42), a maioria dos professores citados em sua pesquisa teve “[...] contato com o ukulele por acaso [...]”, tendo adaptado técnicas de violão, predominantemente, bandolim e cavaquinho ao instrumento. Uma vez que o ukulele não está presente nos currículos dos cursos superiores de música brasileiros, a formação do professor de ukulele no Brasil tem sido obtida, frequentemente, em contextos de *educação não formal e informal*.

Atualmente, no Brasil, existe uma grande oferta de cursos gratuitos e pagos para formação do ukulelista, em geral, oferecidos em ambiente virtual, em plataformas específicas, canais e redes sociais. São cursos livres, com ou sem certificado, que podem ser inseridos no âmbito da educação não formal. Em se tratando, especificamente, de cursos, *blogs*, tutoriais,

¹³ <https://ufg.br/e/28549-ix-encontro-nacional-de-ensino-coletivo-de-instrumento-musical-enecim>.

¹⁴ http://abemeducaomusical.com.br/inscricoes/inscricoes_cursos_professor.asp?prod_id=736&url_comp=.

¹⁵ Não necessariamente, todos os contextos mencionados estão presentes em todos os trabalhos.

materiais etc. voltados à formação de professores, a oferta é bastante baixa. Alguns encontrados são: (a) “Curso de ukulele – online para educadores, pais e demais curiosos¹⁶”, oferecido pelo professor Shauan Bencks; (b) o artigo “Ukulele: o que estudar? (Professores de Ukulele/Ukulele na educação musical)¹⁷”, elaborado pelo professor Vinícius Vivas; (c) a plataforma “Professor de ukulele¹⁸”, criada pelo professor João Daniel; (d) o curso “ProUke - Programa de Formação e Desenvolvimento de Professores de Ukulele e Música¹⁹”, desenvolvido pelo professor João Tostes; (e) “Curso Ukulele para professores²⁰”, do professor Daniel Carneiro da Silva.

Cabe destacar que como não havia muitos materiais para o ukulele no início da década de 2010, músicos, pesquisadores e professores brasileiros buscaram trabalhos de referência na pedagogia do instrumento fora do Brasil, como, por exemplo, os do músico e educador canadense James Hill, importante referência do ukulele mundial.

Outras possibilidades de formação para os professores de ukulele têm ocorrido nos eventos dedicados, especificamente, ao instrumento, como a “Semana do Ukulele”, criada pelo músico, educador e pesquisador Vinícius Vivas, tendo sido realizada a 1ª edição²¹, em 2016, e a 2ª edição, em 2017²². As duas edições ocorreram em ambiente virtual e contaram com a participação de vários professores que abordaram temas como composição, técnica, harmonia e improvisação, leitura e escrita de tablatura, o ukulele na educação musical, ukulele em sala de aula, entre outros temas, bem como a *performance* de ukulelistas. Outro importante evento para o ukulele brasileiro é o “Festival Brasileiro de Ukulele²³”, idealizado pelo músico e educador musical João Tostes. As 1ª, 2ª e 3ª edições do evento ocorreram, respectivamente, nos anos de 2017, 2018 e 2019, na cidade de São Paulo - SP, a 4ª, em 2021, em Barbacena – MG, e a 5ª, anunciada para 2023, na cidade de Niterói-RJ. Os Festivais brasileiros de ukulele têm sido compostos de *performances* de grupos e artistas nacionais,

¹⁶ <https://artedacrianca.com.br/loja/product/curso-de-ukulele-online/>.

¹⁷ <https://semanadoukulele.com.br/ukulele-o-que-estudar-professores-de-ukulele-ukulele-na-educacao-musical/>.

¹⁸ <https://www.professordeukulele.com.br/>.

¹⁹ <https://podcasts.apple.com/be/podcast/s01e07-prouke-ildene-medeiros-no-caf%C3%A9-com-jo%C3%A3o/id1558243903?i=1000580732154>.

²⁰ <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/curso-ukulele-para-professores/H79452675Q>.

²¹ <https://www.youtube.com/playlist?list=PLOUTCypuqOul-fWGk53rrB6LqPAtM-vLi>.

²² <https://www.youtube.com/playlist?list=PLOUTCypuqOunsK0GLv4vYmb3L1ENUq4XM>.

²³ O evento passou por mudanças na nomenclatura, mas, basicamente, manteve o mesmo formato.

além de terem *wokshops* e palestras relacionadas à criação de arranjos, improvisação, educação musical etc., ministrados por diferentes professores e artistas.

Os eventos citados, anteriormente, podem ser considerados formativos para os professores/palestrantes que aprendem ao ensinar, mas que também aprendem participando das palestras, oficinas e *workshops* dos outros colegas enquanto alunos/ouvintes. Ainda, ocorre a formação de professores de música, não palestrantes no evento, que buscam a iniciação ou o aperfeiçoamento no instrumento.

Costa (2013, 2017) e Silveira (2019) informam sobre professores de ukulele de diferentes contextos terem aprendido o instrumento de forma autodidata, buscando conteúdos com o auxílio da internet e/ou adaptando e elaborando materiais para o ensino do instrumento etc. Uma das professoras entrevistadas por Pimentel (2019, p. 6) informa que aprendeu a tocar o ukulele por conta própria, com base nos seus conhecimentos de harmonia funcional e de estruturação, adquiridos em sua formação acadêmica.

De acordo com Gohn (2003, p. 14):

[...] quando os aspectos de reflexão mental são trabalhados, o educador - mesmo que ausente - influencia o aprendiz mais profundamente, contribuindo para sua formação e desenvolvendo a capacidade de analisar, criticar, recombina dados e gerar novos conhecimentos.

A formação do professor de ukulele no Brasil também pode ser observada em situações de aprendizagem informal, já conceituada, anteriormente. Segundo Gohn (2003, p. 24), a música está presente em muitas situações do cotidiano e é aprendida a partir do contato com amigos, e da execução em rádios e na televisão. Assim sendo, entende-se que há a formação do professor de ukulele (a) nos encontros de ukulele, os chamados *Uke Days*²⁴, em que as pessoas se reúnem para tocar o instrumento; (b) nas conversas entre os participantes e na observação de *performances* de artistas, nos eventos mencionados, anteriormente; (c) na aparição de músicos/artistas na TV e/ou internet. Nascimento (2015, p. 36) também menciona o aprendizado informal em um grupo de ukulele investigado por ela.

Assim como em qualquer situação formativa, seja voltada à atividade docente ou a outras práticas profissionais, é preciso pensar que os processos educacionais ocorrem de forma imbricada. De acordo com Trilla (2008, p. 49): “[...] as chamadas educações formal, não-

²⁴ Eventos que ocorrem em várias cidades brasileiras.

formal e informal se intrometem mutuamente e oferecem uma imagem muito distante da que resultaria de considerá-las compartimentos estanques”. Em se tratando da formação do professor de ukulele, como exemplo, observa-se que, por não haver uma tradição acadêmica de ensino do instrumento na graduação, os autores de pesquisas (realizadas em ambiente formal) têm se valido da educação não formal (participação em cursos ofertados em eventos) e da informal (autoaprendizagem a partir de apresentações musicais, mídias etc.).

Considerações finais

O presente trabalho procurou analisar, brevemente, como tem ocorrido a formação do professor de ukulele no Brasil. Destacamos a dificuldade de se estudar os processos de formação de professores de ukulele pelo fato de: (a) o país possuir dimensões continentais e abarcar inúmeros contextos de ensino-aprendizagem em música, e (b) pela relativa escassez de informações em relação ao estudo do instrumento em pesquisas acadêmico-científicas.

Ainda assim, entendemos que os dados discutidos nesta breve comunicação possuem relevância e representatividade para o movimento do ukulele no Brasil, e para a formação dos professores de música em relação ao instrumento, pois referem-se a pesquisas, comunicações, eventos, cursos, de alcance nacional.

Apesar de estar havendo um crescimento das pesquisas científicas sobre o ukulele no país, especialmente sobre o seu ensino-aprendizagem, observa-se que o pesquisador é quem, geralmente, propõe o instrumento como objeto de estudo na universidade, e não o contrário. Nenhum professor citado nos trabalhos, ou observados em outros contextos no Brasil, teve a formação no instrumento, em disciplina exclusiva, na graduação em música, ficando evidente que a formação do professor de ukulele, no Brasil, tem ocorrido predominantemente em situações de educação não formal e informal. É importante ressaltar que, apesar dos aspectos formativos adquiridos por meio da pesquisa acadêmica, o não estudo do instrumento em disciplina específica é uma lacuna na formação do professor graduado em música que intenta utilizar o instrumento em suas práticas docentes.

Como dito, as instituições de ensino superior ainda não integraram o instrumento em seus currículos, uma vez que as poucas iniciativas citadas são ofertadas em disciplinas

optativas, exclusivas ou não, de forma pontual, normalmente, propostas pelo professor e/ou pesquisador. Entendemos também que nenhuma formação inicial é capaz de preencher todas as lacunas do conhecimento e, por isso, há a necessidade da formação obtida por outros meios para além da universidade.

De acordo Freire (2010), os currículos das universidades têm que dialogar com as demandas da sociedade. Ainda conforme a autora: “A dimensão de conservação de cultura deve, pois, ser mantida, mas não ao preço de minimizar a renovação cultural, que deveria ter na Universidade um espaço privilegiado (FREIRE, 2010, p. 178). Se há um crescimento do ukulele no país, propomos que os currículos dos cursos de música devam inserir o instrumento em suas disciplinas, bem como outros instrumentos utilizados comumente na música popular.

Vários trabalhos acadêmicos sobre o ukulele, assim como a aplicação do instrumento em diferentes contextos, demonstram a viabilidade do seu uso na educação musical (a) pela portabilidade, já que possui um tamanho pequeno; (b) por ser um instrumento de fácil aprendizagem nas fases iniciais; (c) por seu relativo baixo custo; (d) por ser um instrumento melódico e harmônico; (e) por possibilitar ao estudante tocar e cantar simultaneamente etc.

Cabe também observar que, mesmo tendo sido discutidas várias situações formativas para o professor de ukulele, não se pode afirmar que (a) todos os estudantes graduandos, que cursaram disciplina relativa ao instrumento; (b) os participantes dos eventos, cursos etc., exerceram a função de professor de ukulele, posteriormente. De qualquer forma, a questão central para esta análise é o fato de terem recebido algum tipo de formação inicial no instrumento.

Por fim, é importante destacar que no Brasil, em termos legais, a formação inicial, em curso de graduação, é o requisito mínimo para a atuação na escola básica. Ainda assim, entendemos que não se pode desconsiderar a importância das práticas docentes realizadas em contextos não formais, por professores de música habilitados ou não; nem os contextos de aprendizagem informais; pois, em ambos, também há a produção de saberes. Portanto, nos estudos de formação do professor de música e de ukulele, devem ser consideradas, igualmente, a educação formal, não formal e informal.

Referências

BARBOSA, José Augusto Santos. *Estratégias para o ensino do ukulele em curso a distância da plataforma MusicDot*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

COSTA, João Daniel Cardoso da. *O ensino coletivo de música através do ukulele: possibilidades e desafios*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) - Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira”, Vitória, 2013.

COSTA, João Daniel Cardoso da; ÁLVARES, Sérgio Luis de Almeida. A utilização do ukulele como ferramenta para o ensino coletivo de música: um estudo de caso no ensino fundamental da rede municipal de Guarapari-ES. In: COLÓQUIO DE PESQUISA, 14., v.1, 2015, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: PPGM, 2015, p. 12-19. Disponível em: <<https://ppgm.musica.ufri.br/anais-do-14o-cologuio-de-pesquisa-do-ppgm-ufri-edicao-2014/>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

COSTA, João Daniel Cardoso da. O Ensino de Música a Distância Online: um relato de experiência sobre o ensino aprendizagem de violão e ukulele na educação não formal. In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ABEM. 10., 2016, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: ABEM, 2016, p. 1-14. Disponível em: <http://abemeducaomusical.com.br/anais_ersd/v2/papers/1700/public/1700-6994-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

COSTA, João Daniel Cardoso da. *A utilização do ukulele no ensino coletivo de música: uma pesquisa-ação com uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental I da rede municipal de Guarapari-ES*. 2017. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

DONATO, Leandro Cavalcanti Silva. O ukulele e o ensino remoto: possibilidades e desafios em contextos de ensino-aprendizagem diversos. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 25, 2021, online. *Anais*. Online, ABEM: 2021. p. 1-9. Disponível em: <http://abemeducaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/923/public/923-4428-1-PB.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2022.

FREIRE, Vanda Bellard. *Música e Sociedade: uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao ensino superior de Música*. 2. ed. rev. ampl. Florianópolis: Associação Brasileira de Educação Musical, 2010.

GOHN, Daniel Marcondes. *Auto-aprendizagem musical: alternativas tecnológicas*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

GREEN, Lucy. Poderão os professores aprender com os músicos populares? *Revista Música, Psicologia e Educação*, Porto, n. 2, p. 65-79, 2000. Disponível em: <<https://parc.ipp.pt/index.php/rmpe/issue/view/88>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

KFOURI, Maria Luiza Amaral. *Discos do Brasil* – uma discografia por Maria Luiza Amaral Kfouriri. Disponível em: <<https://discosdobrasil.com.br/>>. Acesso em: 19 set. 2022.

NASCIMENTO, Ana Cláudia. *Processos de ensino e aprendizagem do ukulele em um grupo de São Carlos*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música com Habilitação em Educação Musical), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António, coord. - *"Os professores e a sua formação"*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 13-33.

NÓVOA, António. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. In: NÓVOA, António. *Professores: imagens do futuro presente* Lisboa: Educa, 2009. p. 25-46.

PIMENTEL, Maria Odília de Quadros. Relações entre educação e trabalho/emprego: construindo percursos de inserção profissional em música. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 29, 2019, Pelotas. *Anais*. Pelotas: ANPPOM, 2019. p. 1-9. Disponível em: <<https://anppom.org.br/congressos/anais/v29/>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

RIBEIRO, Roberto Gaspari.; FLORES, Estevão Monteiro das.; VIVAS, Vinícius de Moura. O processo de ensino de acompanhamentos harmônicos através de violão e ukulele no Projeto de Extensão "Toque... e se toque!" (Colégio de Aplicação da UFRJ, entre 16/02/2015 e 04/07/2015). In: CONGRESSO DE EXTENSÃO DA UFRJ, 12, Brasil. *Web*, set. 2015. Disponível em: <<https://conferencias.ufrj.br/index.php/ceufrj/ceufrj2015/paper/view/479>>. Data de acesso: 28 ago. 2022.

RODRIGUES, Flávia Baldacini Navarro. Criar o quê? Relato de experiência de criações na aula de ukulele. In: JORNADA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO MUSICAL, 7, 2017. São Carlos. *Anais*. São Carlos: UFSCar, 2017. p. 195-205. Disponível em: <<http://anaisjeem.blogspot.com/p/educacao-atual.html>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

SILVEIRA, Ewerton Rodrigues. *O aspecto motivacional do repertório aplicado em aulas de instrumentos musicais: estudo de caso sobre o ensino de ukulele para crianças e idosos na FAMES*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) - Faculdade de Música do Espírito Santo "Maurício de Oliveira", Vitória, 2019.

TRANQUADA, Jim; KING, John. *The 'Ukulele: a history*. Honolulu: University of Hawaii Press, 2012.

TRILLA, Jaume. A educação não-formal. In: GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume; ARANTES, Valéria Amorim (org.). *Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2008. p. 15-58.

TRINDADE, Brasilena Gottschall Pinto; SILVA, Isabele Ferreira da; CARVALHO, Thaynara Valessa Louzeiro. O ensino de música com ukulele: variadas possibilidades a serem

desenvolvidas com adolescentes e jovens. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO MUSICAL DE SOBRAL, 4, 2019, Sobral. *Anais*. Sobral: Universidade Federal do Ceará, 2019. p. 86-96. Disponível em: <<https://ciems.wordpress.com/publicacoes/>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

VIVAS, Vinícius de Moura. *O uso do ukulele na aprendizagem de acompanhamentos harmônicos no processo de musicalização: estudo de caso com alunos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. 2015. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

WINSTON, Emma. *Everyone is musical: a contemporary ethnography of 'third-wave' ukulele musicking, online and offline*. 2022. Thesis (Doctor of Philosophy) – Goldsmiths, University of London, London, 2022.

